

9. Tudo muda

Que libertação de consciência, a que falava ontem, de não fazer outro esforço para mover as montanhas se não aquele de responder a Cristo, que nos chama a Si! Por que, o "conferiu-lhes o poder de" ...fazer o impossível, não apenas de libertar do mal, de curar todas as doenças, mas também de ressuscitar os mortos, isto é, de reparar o irreparável, tudo é consequência imediata e gratuita do simples e puro deixar-se chamar por Jesus, a resposta a *este* chamado, o chamado de ir a Ele, para estar na Sua presença.

Foi incrível como a visita desta comunidade, mudou a partir daquele momento. Os problemas e bloqueios não desapareceram, mas fomos nós que mudamos, pois já não estávamos diante da situação partindo de nós mesmos, nem mesmo da situação da comunidade, mas do espírito com o qual os apóstolos devem ter repartido daquele estar diante de Cristo, que os chamava à Ele e dava-lhes o necessário para transmitir ao mundo a Redenção. Mas o coração permanecia lá, na fonte, diante daquela Presença que chama a Si e enviava sem separar de Si, sem a separação do coração no enfrentar a realidade, necessidade, as dificuldades das pessoas e circunstâncias. E mesmo sem nos dizer (mas nos falamos depois), era aquela experiência que nos unia em lidar com a comunidade. Não nos unia mais o espremer o cérebro para encontrar soluções, elaborar juízos, para julgar as intenções e as perspectivas dos outros; não nos unia mais a tristeza e o descontentamento e, portanto, o desejo de deixar tudo de lado.

Esta tristeza desencorajada foi a que uniu os discípulos de Emaús, antes que o Mistério se aproximasse, gratuitamente, a convocá-los novamente a Si. Mas não é unidade entreter-se em nossa tristeza, não é unidade de comunhão, é uma cumplicidade sem amor, sem amor a vida. Os demônios, no inferno também devem estar unidos desta forma. Mas a misericórdia de Deus conosco e com o mundo, a qual somos enviados, nos alcança e desperta ao encanto da primeira vocação, do primeiro amor: de ser convocados à Ele, até no coração, como os discípulos de Emaús que começaram a sentir arder o coração em Sua companhia, como a primeira vez que o encontraram, quem sabe onde e como, mas foi certamente um simples encontro, um encontro que foi apenas encontro, sem pensar em empenhar a própria liberdade e ir além do estar com Ele.

André e João também, ficaram horas e horas com Ele, e desta reunião somente podiam falar do fato de tê-lo encontrado, de ter permanecido com Ele aquele dia, cerca das quatro horas da tarde. Mas não souberam referir uma palavra que Ele disse. Porém, a Palavra era Cristo, era a pessoa de Jesus. Encontrá-lo é tudo. André, de fato, à primeira pessoa que encontrou, ou seja, Pedro, apenas pôde anunciar que encontraram o Messias, isto é tudo e nada, e para provar não diz palavras ou argumentos, "o conduziu a Jesus" (Jo 1, 42). E Pedro faz o encontro, *somente* o encontro, e isto lhe basta.

Depois virão as palavras, parábolas, os ensinamentos, as obras de Cristo, mas o núcleo do seguimento de Pedro será unicamente a Sua presença, sem a qual nem as palavras têm sentido, tornam-se palavras sem energia, talvez enlouquecendo ao ponto da heresia ou do fundamentalismo violento.

Quando Pedro disse a Jesus, abandonado por todos: "Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus" (Jo 6,68-69), não foram as palavras que o mantiveram unido a Jesus, mas a consciência que somente a Sua presença dava sentido e vida às palavras, à verdade que jorrava de Cristo e preenchia de senso e fervor a vida. Partindo, deixando-o, o que teria feito das Suas palavras de vida sem a fonte da vida eterna, que era Cristo?

Diante daquela comunidade, sem abandonar a experiência e a consciência de ser chamado somente a Ele, era como se perante todo "espírito imundo", "doença" ou "enfermidade", a cada "morto" que aparecia em nossa frente, fossemos convocados a Cristo, para receber Dele o poder, a energia, o julgar, a caridade, sobretudo a caridade! para afastar o mal e a mentira, curar as fragilidades e misérias, e ressuscitar os mortos. Com alegria, pois sabíamos que a legitimidade em tudo o que se apresentava a nós, no bem e no mal, poderia vir só de Cristo. Esta alegria de fé expulsava os demônios, pois desencadeava sobretudo em nós o devastar do mal, negativo, da crítica estéril, que é com um mofo que cresce nos relacionamentos, quando falta o ar do vento bom do Espírito de Cristo. E a cura a víamos começar com cada mínimo fermento de positividade e do desejo de vida nova, que ora podíamos enxergar, até mesmo suscitar, despertar e, acima de tudo, testemunhar com nossa maneira de agir, com o nosso olhar livre de qualquer plano moralista, o qual sempre foram olhadas, e se olhavam entre si, por décadas.

Desculpem se insisto neste episódio. Poderia contar muitos outros, pois toda vez, pela minha cabeça dura e por misericórdia de Deus, esta dinâmica repete, e espero com o tempo der ser convertido. Mas me surpreende sempre, como o essencial nos surpreenda como uma novidade, e assim se reafirma como essencial. O secundário, cedo ou tarde, cansa. As dinâmicas essenciais, no entanto, são sempre novas, e vale a pena nos ajudar sempre neste ponto.

A novidade absoluta de nossa vocação, de todas as vocações, porque no início do episódio de Mateus 10, os doze são simplesmente chamados de "discípulos", é ser chamados a Ele, o ser "convocados" a Cristo.